

A VIRADA DA TELA: O BRASIL PELAS LENTES DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Vinculado a ação : Brasil em tela: Questão Social e Cinema Nacional

Protocolo SigProj MEC:344440.1925.73621.09022020

Área Temática : Educacao

Modalidade : Comunicação Oral

Coordenador da Ação: Clarice C Carvalho (- Autor -) Departamento:Departamento Interdisciplinar

Equipe:

Rebeca Ribeiro da Silva - Autor -

Edson Teixeira da Silva Júnior

Maria Raimunda Penha Soares

Clarice da Costa Carvalho

Luana Silva de Azevedo

Monnique São Paio de Azeredo Esteves Veiga

Thamires Costa Meirelles dos Santos

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo apresentar a obra de Carolina Maria de Jesus como uma ferramenta de extrema importância para a construção de novas narrativas e análise da realidade social brasileira, considerando a questão racial como peça fundamental deste processo. Diante disso, também será discutida a importância da literatura, bem como, do Ciclo de Leituras Carolina Maria de Jesus, desenvolvido pelo projeto de extensão Brasil em Tela, para a qualificação profissional de estudantes e assistentes sociais. Assim sendo, busca contribuir com o afastamento de velhos costumes da profissão e garantir uma formação e atuação de fato comprometidas com todas as demandas da população usuária, o que inclui não colocar a questão racial em segundo plano, conforme demonstraremos no decorrer deste artigo.

Palavras chave: História; Serviço Social; Questão Racial.

Abstract: The following article aims to present the work by Carolina Maria de Jesus as a tool of big importance to the construction of new narratives and to the Brazilian social reality stocktaking, considering racial issue as a key component in this process. Therefore, will also be discussed the importance of literature, along with the "Ciclo de Leituras Carolina Maria de Jesus", developed by the extension project "Brasil em Tela", to the professional qualification of students and social workers. Thus, seeks to contribute with the departure from old customs of the profession and assure a professional training and performance really compromised with all users demands, which includes not to put in second place the racial issue, as will be shown along the article.

Key Words: History; Social Service; Racial Issue.

Introdução (Justificativa, o Problema, Objetivos - geral e específicos):

Para pensar e discutir o Brasil, é inconcebível continuar cometendo os erros de intelectuais do passado e do presente, ignorando a questão étnico-racial, que envolve toda a formação sócio-histórica do país. É necessário assumir um compromisso com uma perspectiva crítica, que reconheça a historicidade de todas as mazelas impostas pelo Estado à população negra, as quais permanecem até os dias atuais e produzem impactos nas relações. Mais do que isso, é urgente pensar em propostas efetivas contrárias a este modelo hegemônico de sociedade.

Partindo deste princípio, o projeto de extensão Brasil em Tela propôs-se a construir, por meio de ferramentas culturais e educativas, novas formas de pensar a realidade histórica e a questão racial, que se tornarão instrumentos de trabalho para assistentes sociais em formação e demais profissionais que tenham interesse. Inicialmente, isso seria feito, em especial, através da exibição de filmes no Campus de Rio das Ostras. Com a pandemia da Covid-19 e o impedimento dos encontros presenciais, a tela que antes seria de cinema tornou-se a do Google Meet, em que encontros semanais passaram a ser desenvolvidos com ênfase na leitura das obras de Carolina Maria de Jesus. O Brasil era agora estudado e debatido sobre a ótica de uma mulher negra, escritora, sambista e favelada.

A importância de estudar e debater a obra de Carolina se deu a partir da apreensão coletiva de integrantes do projeto, considerando que, além de autora, é também uma intérprete do Brasil, sendo importantíssima para debater a questão social e racial. Em contrapartida, apesar da importância, ainda pouco lida, devido ao processo de apagamento e silenciamento que sofreu durante muitos anos, em decorrência da opressão racial e de gênero. A construção do Ciclo de Leituras Carolina Maria de Jesus foi uma opção para andar na contramão desse processo e entendendo, também, a importância da literatura para a construção de novas narrativas. De acordo com Oliveira (2017):

Retornemos ao que foi dito acima acerca do papel civilizacional e unificador que teve a literatura brasileira, em um país que emergira da condição colonial apenas em 1822, com um futuro inteiramente por construir. Coube ao escritor brasileiro, em vários momentos de nossa história, formular

representações da identidade nacional a partir de uma colcha de retalhos, que era e é o tecido social do país. Certamente esses “retratos” não foram neutros nem isentos. Onde está o negro na literatura romântica? E o índio, presente nas obras do período, correspondia à imagem real do autóctone que estava sendo dizimado em várias regiões do país? (OLIVEIRA, 2017, p.3)

De acordo com a autora, o meio literário contribuiu ativamente para a construção de um imaginário social do que é o Brasil. Se durante muito tempo a população negra escravizada e a indígena não teve acesso às letras, sendo este um direito resguardado majoritariamente a homens brancos - muitos interessados em manter a estrutura de poder e reforçar estereótipos racistas que os favorecem - é possível inferir que o espaço da autoria não era reservado para a população preta. Apesar de autoras e autores negros e pobres terem sempre se feito presentes neste espaço, em um movimento transgressor contando o seu lado da história e ressignificando o que é o Brasil, a elite brasileira empenhou e segue empenhando esforços, com a ajuda do Estado, para silenciar e apagar essas vozes.

Silvio Almeida (2019) explicita que este racismo está presente na sociedade e atravessa as instituições, não se apresentando apenas em casos isolados, mas tornando-se, na verdade, uma regra da formação social brasileira. Portanto, faz-se necessário pensar em ações que visem transformar a estrutura social para combatê-lo efetivamente. (ALMEIDA, 2019, p. 50). Neste sentido, não basta que a literatura seja ocupada por pessoas pretas, mas que essas pessoas sejam lidas e reconhecidas como intelectuais que, de fato, são.

Desenvolvimento com Fundamentação Teórica:

Considerando que, ao longo da história do Serviço Social, a Questão Social e suas expressões se constituíram enquanto objetos de trabalho da profissão, pretendemos demonstrar aqui, com base nas análises de Raquel Gonçalves (2018), a importância de debater a Questão Racial no interior da profissão como elemento central e fundante das relações de exploração no capitalismo. Deste modo, partimos do princípio de que o processo de desenvolvimento do capitalismo brasileiro se estrutura e sustenta na exploração racial e, posteriormente, com o trabalho assalariado, é acrescida a exploração de classe. Não podendo ser a raça, portanto, considerada um subproduto dessa dinâmica.

De acordo com Gonçalves (2018):

Ante o exposto, cabe indagar: por que o Serviço Social ainda guarda reticências em perceber que a questão racial é nuclear à questão social? Se a questão social é produzida compulsoriamente pelo capitalismo (NETTO, 2001b), qual a nossa dificuldade em compreender que a questão racial e seu mais grave subproduto, o racismo, fazem parte das relações que impulsionam e dinamizam a sociedade burguesa? Ora o modo de produção capitalista beneficiou-se enormemente do escravismo e amparou as bases da opressão racial, possibilitando que esta se mantenha e continue a sustentar a reprodução do capital. (NETTO, 2001a apud GONÇALVES, 2018, p. 520)

O que se pretende destacar é que a opressão racial constitui as bases do capitalismo brasileiro, e para se pensar as contradições causadas por esse modo de produção não é possível ignorar a questão racial. É imperativo que a profissão conheça a realidade histórica do país, que influencia até os dias de hoje nas condições de vida da população. Dessa maneira, será possível romper o silêncio que contribuiu, durante muitos anos, com a construção de estigmas e barreiras, que dificultaram o acesso às políticas públicas pela população preta do país.

Em um dos trechos do Diário de Bitita (2014), Carolina narra as condições de vida impostas à população preta no pós-abolição, as quais não se distanciam muito dos dias atuais: “Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E para os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho era exaustivo.” (JESUS, 2014, p. 58).

Esse momento citado por Carolina foi resultado da prática racista de caráter eugenista do Estado brasileiro durante o processo de transição do trabalho escravo para o assalariado: a política migratória. De acordo com Gonçalves, este processo se deu para possibilitar a inferiorização e expulsão da força de trabalho negra – agora liberta - do mercado de trabalho formal, substituindo-a pela mão de obra branca e resguardando à população preta brasileira os subempregos. Além disso, afirma que o processo de imigração tinha o objetivo de embranquecer a população brasileira (GONÇALVES, 2018, p. 516).

Em consonância ao que foi estabelecido pela autora, Abdias Nascimento (2016) também apresenta a política migratória como uma ferramenta do Estado de embranquecimento do pós-abolição. Sustenta que essa proposta tinha como objetivo final a destruição da população negra: “essencial e indisputável era a necessidade de embranquecer o povo brasileiro por dentro e por fora.” (NASCIMENTO, 2016, p.67). A obra de Carolina M. de Jesus traz elementos importantes, que permitem o acesso a debates necessários para a profissão e consideram a formação sócio-histórica do país para fazer análises e realizar ações para se contrapor a este pensamento.

Carolina expõe em suas obras, de forma muito precisa, a realidade de muitos brasileiros: a população negra recém liberta, a dificuldade de acesso ao mercado de trabalho para o povo preto e o racismo que atinge esta parcela da população. A atualidade e profundidade dos debates trazidos pela autora demonstram a importância de discuti-la no Serviço Social e em qualquer profissão que tenha o compromisso com a transformação da realidade.

Almeida e Alcantâra (2019) demonstram a ausência do debate étnico-racial na gênese da profissão, a qual estava intrinsecamente ligada à Igreja e ao Estado, atendendo, por conseguinte, aos interesses da burguesia. As autoras destacam que a carência dessa discussão não foi uma característica apenas dos primeiros anos da profissão (ALMEIDA; ALC NTARA. 2019, p. 6). O que defendemos aqui, é o rompimento com este silêncio – conforme muitas profissionais já o vêm fazendo – somado a uma ação efetiva, que tem como objetivo a valorização das produções, cultura e história da população afro-brasileira, em uma profissão e em uma academia majoritariamente brancas.

A extensão se propõe a pensar a história do Brasil a partir da obra de Carolina, fugindo do padrão dominante, branco e europeu de narrativa. Deste

modo, busca qualificar profissionais e estudantes, aproximando-os da realidade dos usuários através das leituras e das ferramentas construídas no ciclo. Além disso, se aproximam enquanto categoria do debate étnico-racial, entendendo sua importância e aplicando este aprendizado no cotidiano profissional, para que, dessa forma, a extensão possa cumprir o seu papel junto à universidade, promovendo contribuições à sociedade.

É importante destacar que a leitura da obra de Carolina Maria de Jesus pretende contribuir com a desconstrução de estereótipos relacionados à autora, assim como, aqueles em torno do povo preto de forma geral. Isso terá efeitos sobre os estudantes de Serviço Social e os profissionais, que através das apreensões coletivas do ciclo, poderão construir mediações qualificadas no campo de atuação. Mais do que isso, este projeto se propõe a pensar sobre a população negra, partindo da perspectiva de uma autora negra, demonstrando que não há mais espaço para a visão racista que considera o povo preto apenas como objeto de estudo. Carolina é uma das provas que somos sujeitos da história, autoras(es) de nossas narrativas e produtoras(es) de conhecimento.

Metodologia:

O trabalho se propõe a discutir, por meio do projeto de extensão, a importância das obras de Carolina Maria de Jesus para pensar a formação sócio-histórica brasileira. Partindo desta perspectiva, visa dar continuidade aos debates sobre questão racial no interior do Serviço Social e na sociedade de forma mais ampla. Diante da relevância da proposta, buscou-se, em um primeiro momento, demonstrar a influência literária para a formação social do país, apresentando produções científicas produzidas por estudiosos da literatura e da sociedade, com o objetivo de sustentar a ideia apresentada. Essa primeira pesquisa foi realizada de maneira digital, através da plataforma Scielo – Scientific Electronic Library Online. Posteriormente, utilizou-se a bibliografia estudada no grupo de estudos do projeto, especialmente a obra de Raquel Gonçalves, para defender a noção de que a Questão Racial é um dos pilares de sustentação do capitalismo e, por isso, não deve ser considerada como secundária pela profissão. Partindo desse princípio, foi realizado um segundo levantamento bibliográfico, no qual foram citadas autoras e autores do Serviço Social e de outras áreas do conhecimento que debatem a questão racial - incluindo-se a própria Carolina - para demonstrar os processos históricos de racismo impostos à população negra e a relativa carência deste debate na profissão. Este levantamento foi realizado a partir de pesquisas em livros físicos e anais de congressos do Serviço Social.

Resultado com Discussão:

O Ciclo de leituras é um espaço aberto a todas e todos que tenham interesse em conhecer Carolina, discutir e refletir sobre sua obra. Neste ambiente, buscamos estabelecer limites para garantir que seu legado seja mantido e respeitado. Nossos esforços vêm se direcionando no sentido de manter uma proposta de caráter antirracista e antimachista, em que os participantes devem avaliar suas posturas e falas. Além disso, é utilizado o recurso que denominamos “pílulas”, no qual os participantes são livres para anotar trechos do livro ou falas de outras (os) participantes que tenham considerado inspiradoras, para que possam ser postadas no Instagram e atrair o interesse de outras pessoas.

Através das pílulas, já é possível perceber alguns dos impactos do ciclo. Muitos integrantes descrevem a identificação com os relatos de Carolina, demonstram emoção ao se verem representados nos livros e na história. A partir dessas leituras, surgem outros debates que levam, por exemplo, ao reconhecimento da luta e organização do povo negro, constantemente negadas pela história oficial. O movimento de andar na direção contrária a esta hegemonia, parte do princípio de que são necessárias ações para movimentar a realidade social.

Ao final de cada ciclo também são realizadas avaliações da experiência, o que permite opiniões a respeito do formato, da dinâmica e outras sugestões. Neste espaço foram levantadas recomendações que falavam, por exemplo, sobre a importância da inclusão da obra de Carolina M. de Jesus na bibliografia do Serviço Social. Além disso, a partir das leituras do ciclo, foi possível identificar, por meio dos participantes, que a Questão Social se apresenta de maneira particular no Brasil. Isto é, o Ciclo vem caminhando na mesma direção do que apresentamos aqui, demonstrando a importância do debate étnico-racial, a urgência do Serviço Social em realizá-lo de forma mais aprofundada e o potencial que a obra de Carolina tem para fazê-lo.

Considerações Finais:

Ao longo deste texto, buscamos demonstrar a urgência da ampliação dos debates acerca da Questão Racial no Serviço Social, visto que é um ponto central para todas as análises que envolvem a sociedade brasileira. É partindo deste princípio, que a profissão será capaz de realizar as mediações necessárias para intervir na realidade de maneira qualificada.

É cada vez mais necessário que as profissionais conheçam a história da população afro-brasileira, as suas lutas, resistências, os processos de criminalização, exclusão e estigmatização aos quais foi submetida. É importante que assistentes sociais e estudantes de Serviço Social reconheçam sua participação e influência nesta realidade. É somente assim, conhecendo o passado, inclusive os erros nele cometidos, que a atuação presente e futura poderão ser constituídas por práticas transformadoras.

Consideramos estratégico pensar e analisar a realidade brasileira através de outros recursos, como o cinema e a literatura, porque além de serem recursos que exercem grande influência no imaginário social, também podem ser novos instrumentos de trabalho para assistentes sociais. A partir disso, buscamos a obra de Carolina Maria de Jesus como referência para o ciclo de leituras, considerando o impacto das análises de um Brasil sob o ponto de vista de uma mulher negra.

Sabemos que esta discussão não se esgota neste texto, tampouco nos trabalhos que vêm sendo realizados pelo projeto de extensão em questão. No

entanto, consideramos iniciativas como esta cada vez mais necessárias. Nos últimos anos, têm surgido no Serviço Social e em outras áreas do conhecimento, mais vozes de intelectuais dispostos a fazer com que o debate étnico-racial ocupe lugar de destaque nas discussões. Este movimento contribui para que nomes como os de Carolina não sejam mais invisibilizados e/ou estereotipados. É somente a partir da luta coletiva, que será possível alcançar outra realidade na profissão e na sociedade.

O objetivo da ação de extensão é caminhar nesta direção, visando a atuação dos profissionais de Serviço Social e o caráter pedagógico da profissão. As discussões apreendidas no Ciclo poderão contribuir no cotidiano profissional, já que estes atuam diretamente com a Questão Social e suas expressões, tal qual a Questão racial, que é a chave de diversos debates realizados com população usuária. Para além disso, o Ciclo vem atingindo outros públicos, como por exemplo, professoras de ensino médio e assistentes sociais que já atuam nas políticas sociais. Esse alcance é importante para garantir que crianças e adolescentes, bem como demais usuários, acessem o quanto antes a obra de Carolina, o que significa acessar outras formas de enxergar a formação da sociedade e da literatura brasileira.

Referência:

- ALMEIDA, Magali da Silva. ALCANTARA, Itamires Lima Santos. A Questão Étnico-Racial na Agenda das Entidades de Representação dos(as) Assistentes Sociais: Breve Panorama Atual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ASSISTENTES SOCIAIS. 16., 2020, Brasília. Anais... Brasília: ABEPSS, 2019. Disponível em: < <https://broseguini.bonino.com.br/ojs/index.php/CBAS/article/view/1858/1816>>. Acesso em: 06 out. 2020.
- ALMEIDA, Sílvio. Racismo, Ideologia e Estrutura social. In: _____. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264p. cap. 2, p. 59-80.
- DE JESUS, Carolina Maria. Infância. In: _____. Diário de Bitita. São Paulo: SESI SP Editora, 2014. 206 p. cap.2, p. 13-18.
- GONÇALVES, Raquel. Quando a Questão Racial é o Nó da Questão Social. Revista Katálysis, Florianópolis: UFSC, v. 21, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rk/v21n3/1982-0259-rk-21-03-00514.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- NASCIMENTO, Abdias. O Branqueamento da Raça: Uma Estratégia de Genocídio. In: _____. O Genocídio do Negro Brasileiro. São Paulo: Perspectiva, 2016. 197p. cap. 5, p. 63 - 71.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. Outros retratos, outras vozes na narrativa brasileira contemporânea. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, Brasília: UNB, 2017, n. 50, jan./abr. 2017.. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00237.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2020.